

ta coisa atingiu a sua realidade, muitas teses foram discutidas e tantas outras controvérsias levantadas. Mas esses progressos da arte literária não invadiram a obra do abade Vincent, muito menos a de Mário Fubini, que, num *symposium* sobre os problemas e orientações críticas de língua e literatura italianas (in *Tecnica e Teoria Letteraria*, Milão, 1948), dissertou com grande conhecimento de causa sobre a "Genesi e storia dei generi letterari" (págs. 161-237).

É para admirar que ainda na Europa se desconheçam os pontos de chegada dos notáveis congressistas de Lião, quando em nossa Faculdade, há quase 10 anos, a cadeira de Literatura Portuguesa vem tornando familiar aos seus alunos essas conquistas da ciência moderna da literatura. A teoria dos gêneros literários do abade Vincent está ainda comprometida com as idéias de Brunetière, que hoje estão superadas, embora o discípulo de Darwin tenha trazido uma grande contribuição para o estudo dos gêneros literários e se tenha batido por um tratamento científico da matéria. Os gêneros não são — como pretendia Brunetière — realidades objetivas como são as realidades do mundo natural. Por isso mesmo, uma das teses mais importantes do Congresso de Lião foi a do crítico húngaro Johan Hankiss, que defendeu a base psicológica dos gêneros literários. O gênero, embora evolucione, não possui uma vida própria, porque o seu destino está equacionado à sensibilidade do artista e às variações da moda. Não é um ser vivo, que nasce, cresce, atinge a sua plenitude e decai; mas filho do mais profundo subjetivismo humano. Charles Lalo pecou também pelo excesso com que acreditou na influência dos fatores anestéticos na transformação e na distinção dos gêneros literários. Para ele o destino deste fenômeno literário está sob a influência quase exclusiva dos fatos sociais.

Didático, rico de idéias pessoais, o trabalho de Vincent, senão vertido, devia servir de modelo para a elaboração de um congêneres em língua portuguesa, para atender a uma necessidade do ensino no curso colegial e mesmo nos cursos superiores de letras. Está claro: não seria uma tradução, porque o arcabouço doutrinário deveria passar pelo sopro flâmico de um forno de revérbero: os pontos de chegada da moderna ciência da literatura.

S. SPINA.

---

FREIRO (Eduardo). — *Como era Gonzaga?* Publicação da Secretaria da Educação de Minas Gerais. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1950. 73 pp.

Vem esta brochura de 73 páginas tentar o restabelecimento do verdadeiro retrato de Gonzaga através de depoimentos contemporâneos e de raras notas autobiográficas, colhidas nas poesias do famoso Dirceu. Dificilmente se convencerão os leitores de que este seja o verdadeiro retrato de Gonzaga porque não há verdade capaz de destruir o que a imaginação criou e a lenda consagrou definitivamente. Além disto, aquele perfil padecente e romântico do verdadeiro amante de Marília foi criado espiritualmente, através das impressões literárias de sua obra e este, que ora nos dá E. Friero, é feito das notas materiais, físicas, somáticas, — sendo impossível conciliá-las. O talento transfigura os corpos e que mais disformes que sejam, aparecem transformados ante os olhos do espírito. Júlio Ribeiro foi um dos homens mais feios do seu tempo e casou-se, já velho, viúvo e pobre, com Dona Belizária, a mais bela paulista da época. Perguntando-lhe eu como fôra possível tal casamento, explicou-me Dona Belizária muito simplesmente: Júlio quando falava, tinha tanto talento que se tornava o homem mais bonito do mundo! Assim se passou com Gonzaga: podia ter sido barrigudinho, atarracado, de estatura meã, bastante calvo, vaidoso e preocupado com nuguices de trajes e ademanos, como não-lo descreve Friero; mas as suas líras, o seu doloroso romance, a sua imaginação o transformam aos nossos olhos em excelsa figura que nenhum esforço histórico, em-

bora talvez mais perto da verdade, conseguirá modificar. A tudo isto acrescenta-se o tom desdenhoso e caricato das páginas de Frieiro que somente serve para antipatizá-lo com o leitor e dar-lhe a pensar que um certo sentimento de desprezo o levou a traçar essa tentativa de reconstrução fisionômica de Gonzaga. O desleixo do escrito é outro ponto fraco deste autor que tem merecido não pequenos gabos da crítica nacional. Não sei porque teria escrito, no prefácio, Abgvar Renault estas palavras que acho descabidas: "Com este volume, que tanto tem de exíguo quanto de admirável, etc.". De exíguo, sim; de admirável... só para os que nasceram em noite de lua cheia.

SILVEIRA BUENO.

MENDES (Renato da Silveira) — *Paisagens culturais da Baixada Fluminense*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Boletim n. 110 — Geografia, n. 4. S. Paulo, 1950. 172 págs., 17 mapas, 4 gráficos, 108 fotos.

A reconquista da Baixada Fluminense constitui indubitavelmente um dos mais empolgantes temas da geografia humana e econômica brasileira. Região que concentrou um dos povoamentos mais antigos do nosso país, tão importante no início da era colonial quanto Bahia e Pernambuco como centro de atração do elemento europeu, a Baixada Fluminense "até meados do século XVIII era uma verdadeira síntese do Brasil colonial: os engenhos e currais, ou a agricultura e a pecuária, que no Nordeste estavam tão distanciados que chegaram a formar tipos diferentes de civilização, no litoral fluminense se localizavam bem próximos. A partir de 1750, aproximadamente, a cultura da cana de açúcar passou a dominar quase que exclusivamente, relegando para plano inferior outras atividades econômicas, principalmente a pecuária, imprimindo à região uma certa uniformidade na paisagem rural". Região açucareira permaneceu até os nossos dias a planície campista, enquanto que as demais áreas da Baixada sofreram terrível decadência da qual só em princípio deste século; ou mais precisamente, nos últimos 25 anos, conseguiu ressurgir, graças aos trabalhos de saneamento ali realizados pelo governo federal.

Tão palpitante assunto vem há muito merecendo a atenção do prof. Renato da Silveira Mendes, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Tendo realizado diversas excursões à região com o objetivo de apreciar "in loco" os seus problemas, assenhoreando-se, ainda, de valiosa documentação histórica e de seguras informações sobre o presente, foi-lhe possível realizar o estudo e a interpretação das paisagens culturais dessa importante região na obra em apêço, recentemente editada pela Faculdade a que pertence. Consta a obra de três partes: 1) Aspectos físicos e divisão regional da Baixada Fluminense; 2) As paisagens antigas; e 3) As paisagens modernas. Na segunda parte, em que o A. reconstitui e sintetiza de maneira muito feliz a história da Baixada Fluminense, são estudados o ciclo do açúcar e a paisagem nos fins do século XIX e princípios do século XX. A terceira parte compreende o estudo da ocupação do solo, da distribuição da população, das paisagens rurais das baixadas de Guanabara e de Santa Cruz, das planícies litorâneas e dos vales interiores e da região açucareira de Campos.

Inúmeras dificuldades (de muitas das quais fomos testemunhas) ofereceu ao A. a reconstituição das paisagens antigas. A falta de documentação, cartográfica principalmente, que torne possível conhecer o aproveitamento do solo e a distribuição da população no passado, não apenas na Baixada Fluminense, mas em qualquer região do país, constitui elemento capaz de levar ao desânimo o pesquisador que por tais caminhos entender enveredar-se. Soube o prof. Renato da Silveira Mendes vencer todas as dificuldades que o tema poderia oferecer, realizando acurada pesquisa histórica nos arquivos do Rio de Janeiro, servindo-se sobretudo de mapas, roteiros antigos, quadros estatísticos, manus-